



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

**AS MARCAS DO SER CATARINA NOS LIVROS INFANTIS DO "CONCURSO DE
HISTÓRIAS PARA A INFÂNCIA CATARINENSE"**

THAYSE DA COSTA MACHADO

Florianópolis

2016

THAYSE DA COSTA MACHADO

**AS MARCAS DO SER CATARINA NOS LIVROS INFANTIS DO "CONCURSO DE
HISTÓRIAS PARA A INFÂNCIA CATARINENSE"**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Federal de Santa Catarina
(UFSC) para obtenção do título de Licenciado
em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Eliane Debus

Florianópolis

2016

THAYSE DA COSTA MACHADO

**AS MARCAS DO SER CATARINA NOS LIVROS INFANTIS DO "CONCURSO DE
HISTÓRIAS PARA A INFÂNCIA CATARINENSE"**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, e aprovado em sua forma final pelo Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 09 de agosto de 2016.

Prof. Dr. Jeferson Dantas
Coordenador do Curso de Pedagogia

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Eliane S. D. Debus
Orientadora (MEN/CED/UFSC)

Prof.^a Me. Chirley Domingues (UNISUL/PPGE-UFSC)

Prof.^a Me. Thamirys Frigo Furtado
(Rede Municipal de Florianópolis)

Prof. Dr. Orlando Ferretti
(MEN/CED/UFSC)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por segurar a minha mão e me conduzir pelos caminhos da vida.

Agradeço à minha mãe, Erondina Machado, amor da minha vida, pelo apoio incondicional. Amo você inexplicavelmente.

Agradeço aos meus padrinhos, Vanderley Adriano e Joice Adriano, por se fazerem presentes desde sempre, e por quererem tanto meu bem. Amo vocês. Agradeço, também, à pequena Cecília por me roubar os sorrisos mais sinceros. E, agradeço a toda minha família por se fazer próxima, e respeitar minhas inúmeras ausências. Minha gratidão e meu eterno amor.

Agradeço às minhas amigas: Maiara Pereira, Thassien Fernandes, Maria Eduarda Dias, Camila Mutti, Yasmin Pires, Léia Ribeiro e Taise Couto. Algumas desde sempre, e todas para sempre! Obrigada pelo apoio, cada uma sabe a importância que tem para mim. Minha gratidão e eterno amor a vocês.

Agradeço à Cíntia Andrade, minha dupla de trabalhos e estágios, minha amiga e irmã de coração. Obrigada pelos risos e lágrimas compartilhadas. Gratidão pelo laço que construímos! Meu eterno e mais sincero amor a você.

Agradeço às minhas amigas de turma pelo afeto cotidiano e pelas experiências compartilhadas. De modo especial, agradeço à Aline Effting, Amanda Morais, Thayse Junckes e Morgana Welter pelo lindo laço que construímos. Minha gratidão e meu eterno amor a vocês.

Agradeço à Prof.^a Dr.^a Eliane Santana Dias Debus pelos aprendizados durante minha bolsa de Iniciação Científica (PIBIC/UFSC/2014-2016), e também no meu Trabalho de Conclusão de Curso, e, ainda, por todos os conhecimentos compartilhados durante as disciplinas, seminários e oficinas ministradas pela Professora durante minha graduação. Obrigada por não me deixar chorar e sempre me entusiasmar!

Agradeço a todos que foram meus professores durante a minha graduação por compartilharem conhecimentos, saberes e alegrias. Obrigada pelos aprendizados. Minha gratidão a vocês.

Agradeço a todos que caminham comigo no cotidiano da vida. Minha gratidão!

– A vida das gentes neste mundo, senhor sabugo, é isso. Um rosário de piscadas. Cada pisco é um dia. Pisca e mama; pisca e anda; pisca e brinca; pisca e estuda; pisca e ama; pisca e cria filhos; pisca e geme os reumatismos; por fim pisca pela última vez e morre. (LOBATO, 1936, s. p.)

RESUMO

Esta pesquisa objetivou estudar as marcas do ser catarina, isto é, os elementos de regionalidade, nos livros infantis da coleção Pró-Criança. Para tanto, contextualizamos historicamente a literatura infantil produzida no Brasil, e neste contexto, a literatura produzida no estado de Santa Catarina, trouxemos, também, o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) por considerar a importância da distribuição de livros de literatura às instituições de ensino público do Brasil, uma política que marca a história da literatura no país. Resenhamos os 10 títulos infantis publicados no concurso, que evidenciam elementos regionais, destacando tais elementos. Refletimos sobre as paisagens geográficas naturais e construídas trazidas nos títulos por meio da contribuição de estudiosos da área de literatura e geografia, mas o foco de análise foi por meio de uma visão literária. Refletimos, ainda, sobre o material físico dos livros por serem de difícil acesso atualmente. Trazemos, também, alguns apontamentos gerais sobre as narrativas, como patrocinadores, autores, regionalidade, entre outros. A metodologia utilizada foi estudo bibliográfico. Para essa discussão, utilizamos como referencial teórico: Perrotti (1986); Cademartori (2010); Sachet (2012); Junkes (2012); Goulart (2009), Debus (1996); Lajolo e Zilberman (2007); Novaes (2000); Silva (2010); Olanda; Almeida (2008) e Lima (2000). Concluiu-se com a pesquisa que as histórias analisadas contribuíram, e contribuem por meio dos enredos e ilustrações para a literatura infantil produzida no Brasil, e nesse contexto, para a literatura produzida no estado de Santa Catarina.

Palavras-chave: Literatura infantil, Santa Catarina, Elementos regionais.

LISTA DE SIGLAS

ACARESC Associação de Crédito e Extensão Rural de Santa Catarina
ACARPESC Assistência Pesqueira de Santa Catarina
BESC Banco do estado de Santa Catarina
CNPq Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
FAE Fundação de Assistência ao Estudantes
FNDE Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
FNLIJ Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil
IBM Brasil Indústria, Máquinas e Serviços Ltda
LADESC Liga de Apoio ao Desenvolvimento Social Catarinense
MEC Ministério da Educação e Cultura
PIBIC Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica
PNBE Programa Nacional Biblioteca da Escola
PNSL Programa Nacional Sala de Leitura
PPGE Programa de Pós-Graduação em Educação
PROLER Programa Nacional de Incentivo à Leitura
SC Santa Catarina
SEB Secretaria de Educação Básica
TCC Trabalho de Conclusão de Curso
UFSC Universidade Federal de Santa Catarina
UNISUL Universidade do Sul de Santa Catarina

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	TÍTULOS RESENHADOS E ANALISADOS.....27
QUADRO 2	ELEMENTOS REGIONAIS NAS NARRATIVAS.....36

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. HISTORICIZANDO A LITERATURA INFANTIL NO BRASIL.....	15
2.1 A PRODUÇÃO LITERÁRIA BRASILEIRA PARA CRIANÇAS: CAMINHOS TRILHADOS	15
2.2 A LITERATURA INFANTIL PRODUZIDA EM SANTA CATARINA.....	20
2.3 A PRODUÇÃO LITERÁRIA BRASILEIRA PARA CRIANÇAS: A DISTRIBUIÇÃO DE LIVROS INFANTIS PARA INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO.....	22
3. AS MARCAS DE REGIONALIDADE NOS LIVROS INFANTIS DA COLEÇÃO PRÓ-CRIANÇA.....	26
3.1 CONHECENDO 10 NARRATIVAS DA COLEÇÃO PRÓ-CRIANÇA.....	27
3.2 ELEMENTOS GEOGRÁFICOS NAS NARRATIVAS.....	35
3.3 CONHECENDO O MATERIAL FÍSICO DOS LIVROS DA COLEÇÃO PRÓ-CRIANÇA	42
3.4 OUTRAS REFLEXÕES.....	43
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS.....	50
REFERÊNCIAS LIVROS INFANTIS "CONCURSO DE HISTÓRIAS PARA A INFÂNCIA CATARINENSE"	51
ANEXOS.....	52

1 INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objetivo estudar as marcas do ser catarina, isto é, os elementos de regionalidade, nos livros infantis da coleção Pró-Criança. A coleção é constituída de 31 títulos que foram produzidos entre os anos de 1984 e 1985, resultantes das duas edições do "Concurso de Histórias para a Infância Catarinense", promovido pela Comissão Interinstitucional Pró-Criança, coordenado pela Fundação Catarinense de Cultura e patrocinado pela Liga de Apoio ao Desenvolvimento Social Catarinense (LADESC).

As narrativas ao evidenciarem elementos do estado de Santa Catarina contemplam um dos objetivos do concurso: "[...] promover narrativas que contassem o folclore e a realidade do estado" (O ESTADO, 08.08.84, p. 23). A obrigatoriedade em trazer aspectos regionais nos enredos se deu por considerar importante aproximar as crianças de histórias que trazem elementos de Santa Catarina, por exemplo, a cultura e seu povo.

Destacamos que dos 31 títulos, somente 10 narrativas apresentam elementos sobre ser catarina, sendo elas: *A Baleia da praia da Armação*, de Gladys Teive, ilustrada por Astrid Munch; *A lenda do peixe-boi*, de Fábio Bruggemann e Danuza Meneghello, ilustrada por Zito; *As traquinagens da tainha Troc*, de Eduardo Saavedra, ilustrada por Nice; *Benina-Bernunça com dor de barriga*, de Sérgio Jeremias de Souza, ilustrada por Astrid Munch; *Dr. Barbado: o rei da lagoa*, de Paulo J. da Silva, ilustrada por Astrid Munch; *Gugu da barriga verde*, de Ana Lize Brancher, ilustrada por Mário César Coelho; *Kinkim, o pinguim*, de Carla Calazans, ilustrada por Astrid Munch; e *Mino, o passarinho do sino*, de Sérgio Meurer, ilustrada por Astrid Munch, publicadas na edição de 1985. *A terra do passavento*, de Danuza Meneghello, ilustrada por Nice; e *Dorotéia e o vento sul*, de Gladys Teive, ilustrada por Nice, publicadas na edição de 1986.

Optei¹ por desenvolver o TCC sobre o tema literatura infantil por considerar a literatura importante na formação leitora dos sujeitos, portanto também no trabalho com crianças em espaços institucionais, entre eles os da Educação Infantil e Ensino Fundamental.

¹ No presente parágrafo, eu – Thayse Machado - escrevo na primeira pessoa do singular por tratar-se de um relato particular, sendo minhas mãos e memórias que o teceram. No decorrer do trabalho a primeira pessoa do plural prevalecerá por entender o diálogo com as várias vozes que estão no discurso.

O desejo em estudar o tema surgiu na disciplina de *Literatura e Infância*, ministrada pela Prof.^a Dr.^a Eliane Debus na quinta fase do curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A partir de então iniciei como bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC/UFSC 2014/2015) com orientação dessa professora.

Na pesquisa de Iniciação Científica intitulada "30 anos do Concurso de Histórias para a Infância Catarinense: a produção e promoção da literatura infantil em Santa Catarina", historicizamos o "Concurso de Histórias para a Infância Catarinense". Inicialmente, a pesquisa se daria no período de agosto de 2014 com término previsto para julho de 2015, porém com o objetivo de dar continuidade à pesquisa, conseguimos junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) a prorrogação da bolsa até julho de 2016. Nestes dois anos, pesquisamos os objetivos do concurso, critérios de inscrição e seleção dos livros, e regiões dos inscritos através dos arquivos do jornal *O Estado*, que se encontram na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina. Organizamos também a biografia dos autores e ilustradores, e realizamos a resenha e análise dos títulos publicados nas duas edições. Entrevistamos, ainda, a organizadora do concurso, Mary Garcia. A partir da pesquisa de Iniciação Científica, observamos a relevância de aprofundar os estudos acerca do concurso, principalmente sobre os livros infantis que focalizam elementos de regionalidade.

A metodologia utilizada nesta pesquisa é estudo bibliográfico assentado nos referenciais teóricos sobre literatura e infância e literatura e geografia, sendo os principais autores: Perrotti (1986); Cademartori (2010); Sachet (2012); Junkes (2012); Goulart (2009), Debus (1996); Lajolo e Zilberman (2007); Novaes (2000); Silva (2010); Olanda; Almeida (2008) e Lima (2000), bem como os 10 livros a serem analisados. Segundo Gil (2002) a pesquisa bibliográfica é utilizada quando o pesquisador busca em materiais já produzidos a resposta para sua problematização. O autor traz em seu texto as etapas de tal metodologia, sendo umas delas a identificação das fontes.

Acreditamos na relevância desta pesquisa para o debate sobre literatura e infância, em particular sobre a literatura infantil em Santa Catarina. Ao focalizarmos as resenhas e análises

² Nos Anais do VII Simpósio sobre Formação de Professores está disponível o texto *A história da literatura infantil em Santa Catarina: Coleção Pró-Criança* que é um recorte da pesquisa PIBIC (2014-2016), e contempla informações sobre o concurso, como os objetivos e critérios para a seleção dos 31 títulos. Disponível em: <http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/eventos/simfop/artigos_VII%20sfp/Thayse%20Machado.pdf> Acesso em: 17/08/2016.

dos livros infantis produzidos na década de 1980, reavivamos um conjunto de livros que, embora tenham sido importantes num determinado período, hoje são de difícil acesso.

Para a construção do texto, cremos na importância de contextualizar os títulos do Pró-criança no cenário da produção literária para crianças brasileiras, e posteriormente em Santa Catarina. Dessa forma, o foco no segundo capítulo foi o de contextualizar em nível nacional a literatura infantil nas décadas de 1970 e 1980, para depois inserir neste contexto a literatura produzida para crianças e jovens em nosso estado. Desse modo, neste capítulo, um dos objetivos foi contextualizar a literatura infantil no Brasil na década do concurso.

O segundo capítulo também é entendido como primeiro eixo do trabalho, nele historicizamos a literatura infantil brasileira, evidenciando os caminhos trilhados e os grandes marcos, como as transformações ocorridas após os escritos de Lobato, na década de 1920. Ressaltamos, também, alguns acontecimentos da década de 1970 - denominada por muitos autores como o "boom" da literatura infantil, conhecida pelas importantes mudanças nas narrativas infantis, como no âmbito do tema, aspectos gráficos e linguagem. Ainda neste capítulo trouxemos o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) por considerá-lo um marco na história da literatura infantil e juvenil.

Após a contextualização, verificamos no conjunto dos 31 títulos da coleção Pró-Criança aqueles que tematizam aspectos do ser catarina. Após a seleção dos 10 livros, buscou-se analisar como se caracteriza a regionalidade nessas histórias do concurso. Assim, neste capítulo, um dos objetivos foi problematizar as possíveis contribuições deste concurso no cenário da literatura infantil em Santa Catarina, abordando questões apresentadas na composição das narrativas.

O terceiro capítulo também é entendido como segundo eixo do trabalho, nele resenhamos as narrativas, e evidenciamos as paisagens geográficas naturais e construídas apresentadas em cada uma. A análise é realizada por meio de uma visão literária, mas também dialogamos com estudiosos de literatura e geografia que nos ajudam a estudar os elementos geográficos presentes nas narrativas. Ainda neste capítulo trouxemos aspectos do material físico dos livros infantis por considerar que são de difícil acesso hoje, e também por entender que estavam ocorrendo mudanças nos aspectos gráficos das narrativas na época.

2 HISTORICIZANDO A LITERATURA INFANTIL NO BRASIL

Para pensarmos a literatura infantil produzida para crianças e jovens em Santa Catarina na década de 1980 – período do concurso - é necessário inseri-la no contexto mais amplo da produção que era realizada em nível nacional. Para tanto, num primeiro momento contribuem para isso os estudiosos que apresentam a literatura num contexto mais amplo, entre eles Perrotti (1986); Cademartori (2010); Lajolo e Zilberman (2007) e para a discussão sobre a literatura de Santa Catarina nos apoiamos em Sachet (2012); Junkes (2012); Goulart (2009), Debus (1996), entre outros. Esses estudiosos nos ajudam a historicizar, mesmo que de forma pontual neste trabalho, os caminhos, mudanças e rumos da mesma no nosso país.

2.1 A produção literária brasileira para crianças: caminhos trilhados

Desde o século XIX as histórias para as crianças, produções escassas, tinham caráter de discurso utilitário, com o objetivo de passar ensinamentos, valores morais, amor a pátria, entre outros. "Nunca importou muito, por exemplo, a coerência interna das narrativas, em nenhum de seus aspectos: personagens, enredo, tempo e espaço" (PERROTTI, 1986, p. 27). Edmir Perrotti ao descrever historicamente a produção literária para crianças que circulava no Brasil até o início do século XX, destaca a "dependência cultural" em relação a produção portuguesa. É nos primeiros anos desse século que essa condição se rompe e os livros começam a ser produzidos com um teor nacionalista, surgindo um movimento "[...] no Brasil, uma preocupação de abrigar a linguagem dos textos escritos para crianças vindos de fora, para torná-los mais atraentes" (PERROTTI, 1986, p. 57).

O surgimento de uma literatura infantil com marcas de brasilidade aconteceu com os escritos do autor brasileiro: José Bento Renato Monteiro Lobato, na década de 1920. Deixando um pouco o caráter didático dos livros infantis, e as histórias importadas da Europa, em 1921 ele publicou seu primeiro livro, intitulado *Narizinho Arrebitado*. Lobato (1921) trouxe novos rumos para a literatura infantil, enfatizando em suas narrativas questões sociais,

"Dessa natureza é o nacionalismo de Lobato: sem ufanismos, sem patriotada, o olho crítico e impiedoso na realidade do país, a inconformidade com os problemas da sociedade brasileira" (CADEMARTORI, 2010, p. 52).

Dando continuidade a seus escritos para o público infantil, no ano de 1931, Lobato publicou *Reinações de Narizinho*, e como evidenciam Lajolo e Zilberman (2007) a partir de então apareceram novos autores e tornou-se uma etapa bastante fértil da produção brasileira. As autoras destacam que,

A profissionalização, acompanhada de especialização, por parte de editoras e escritores, é um dos traços marcantes do período que ocupa as décadas entre 1940 e 1960. Ele baliza, portanto, a etapa subsequente do processo de industrialização que acompanha, em paralelo, a história dos livros para a infância no Brasil. Assim, após a fase de estruturação do gênero através de iniciativas pioneiras e corajosas, como a de Monteiro Lobato, o momento seguinte foi uma etapa de produção intensa e fabricação em série, respondendo de modo ativo às exigências crescentes do mercado consumidor em expansão (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 82 e 83).

Podemos perceber importantes mudanças no âmbito da literatura infantil no Brasil até a década de 1970: se antes da década de 1920 as histórias destinadas às crianças eram importadas de Portugal ou escritas para fins didáticos, na década de 1920 é publicado por um escritor brasileiro um livro que traz outros caminhos para a literatura infantil. E com esta publicação, surgem outros autores e novas publicações, muitas, ainda, com fins didáticos, mas considerando que anteriormente a produção era escassa, observa-se uma grande mudança também.

Na década de 1970 outra significativa mudança aconteceu na literatura infantil brasileira, Perrotti (1986) afirma que é uma mudança do discurso utilitário, até então presente nas narrativas infantis, para o discurso estético. O autor destaca que,

[...] o discurso utilitário marca um tipo de relação entre narrador e leitor: a relação de doutrinação, onde o primeiro oferece o mundo acabado ao segundo, que deverá incorporá-lo a seu universo. Em tais condições, a linguagem torna-se fetiche, dotada de vida própria, uma vez que "esconde" sua condição para confundir-se ela própria com a coisa representada. Assim, a linguagem assume-se a si mesma enquanto "verdade", proclamando-se útil. Daí a necessidade de "encenação" da linguagem, quando se pretende alcançar o "estético". A encenação cria no leitor uma distância crítica: ele sabe que o que lê é "ilusão", "criação". Com isso o útil que está sempre presente na obra literária torna-se possibilidade e não certeza [...] (PERROTTI, 1986, p. 84)

Sachet (2012) para refletir a literatura infantil produzida em Santa Catarina, primeiramente contextualiza a mesma à nível nacional, assim, nos ajuda a entender melhor as mudanças ocorridas após a segunda metade do século XX, destacando que,

A força dessa literatura nova está na presença de um enorme grupo de autores que pelo Brasil afora comparece com textos que desviam o tradicional *eixo-do-didático* ou *maravilhoso-bem-comportado* para enveredar pelas quebradas e pelos ângulos de um maravilhoso agressivo, inesperado, repreensível, politicamente incorreto a partir da própria capa do livro, em que o jogo das palavras e os sons do título abrem um novo caminho de interpretações e de estranhos significados (SACHET, 2012, p. 520 e 521).

As mudanças ocorridas nas narrativas destinadas às crianças na década de 1970 ocorreram em diferentes eixos, entre eles destacam-se três: o primeiro eixo refere-se ao tema das narrativas, em que começaram a aparecer temas de relevância social, política, afetiva, entre outros, que, por vezes, tinham relação com os acontecimentos que ocorriam no Brasil, na época. Nesta perspectiva, as autoras Lajolo e Zilberman (2007) apontam que "A literatura infantil brasileira mais contemporânea também reata pontas com a tradição lobatiana por outras vias. Por exemplo, pela inversão a que submete os conteúdos mais típicos da literatura infantil (p. 122).

O segundo eixo refere-se aos aspectos gráficos do livro infantil, destacando-se a sua materialidade: o tipo de papel, tamanho das letras, ilustração, onde não são "mais vistos como subsidiários do texto, e sim como elemento autônomo, praticamente auto-suficiente" (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 124 e 125).

O terceiro eixo refere-se a linguagem, como contextualizam Lajolo e Zilberman (2007):

Marca bastante típica dos livros infantis de 1960 para cá é a incorporação da oralidade, tanto na narrativa quanto na poesia. A tentativa de fazer uso de uma linguagem mais coloquial é outra forma de a literatura para crianças aproximar-se tanto das propostas literárias assumidas pelos modernistas de 22, quanto da herança lobatiana (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 151).

Lajolo e Zilberman (2007) ainda enfatizam que as mudanças que ocorreram na linguagem das narrativas articulam-se com os enredos e personagens que estavam se distanciando dos valores dominantes. Assim, a linguagem também se distanciava do padrão

formal culto para ir ao encontro do projeto de trazer nas histórias para as crianças diferentes contextos, como a pobreza, os índios, entre outros.

É evidente que muitas mudanças ocorreram na literatura infantil na década de 1970 em todo o país. Debus (1996) em sua dissertação denominada *Entre vozes e leituras: a recepção da literatura infantil e juvenil* destaca que muitos autores afirmam que esta década foi o "boom" da literatura infantil. A autora também organiza linearmente alguns outros acontecimentos ocorridos no período que nos ajudam a perceber o porquê deste "boom" precisamente na literatura infantil.

Alguns importantes acontecimentos antecederam a década de 1970 e se consolidam nela, como a criação da Fundação do Livro Escolar, em 1966; Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), criada em 1968; O Centro de Estudo de Literatura Infantil e Juvenil que luta pela valorização do gênero, em 1973; Fundação da Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil, criada em 1979; O Instituto Nacional do Livro, criado em 1937, que co-edita obras infantis e juvenis na década de 1970, e "A Lei 5.692/71, de Diretrizes e Bases da Educação, com a ampliação do nível de escolaridade, vem acelerar o processo de fomento do gênero, também, ao recomendar a leitura de autores nacionais no ensino de primeiro grau" (DEBUS, 1996, p. 16 e 17).

Cabe enfatizar a importância³ da criação da FNLIJ, em 1968, que como destaca Debus (1996),

[...] vai exercer papel preponderante para a fomentação do gênero, selecionando acervos, formando mediadores de leitura, organizando programas de promoção de leitura, instituindo prêmios que ressaltam a produção editorial nessa área e participando de projetos de divulgação do livro, que se estendem por todo o país, a partir da década de 80 (DEBUS, 1996, p. 16).

O que alguns autores chamam de "boom" da literatura infantil, na década de 1970, como evidenciado por Debus (1996), a autora Nelly Novaes (2000) chama de uma fase inovadora pós-lobatiana que aconteceu a partir das décadas de 1960 e 1970. A autora traz elementos sobre os livros publicados nessa época, enfatizando que "Por uma visão panorâmica das *obras criativas*, ou melhor, das que apresentam valor literário original, vimos

³ Papel exercido pela FNLIJ até hoje.

que elas podem ser distribuídas em duas grandes áreas: a do *questionamento* e a da *representação*" (NOVAES, 2000, p. 150).

Novaes (2000) discute que as obras distribuídas na área do questionamento são obras inovadoras, e as que são distribuídas na área da representação são obras continuadoras, sendo que ambas têm sua importância no cenário da literatura. A autora destaca, ainda, sobre a intencionalidade ser a grande diferença existente entre elas:

[...] a intencionalidade que as move: as primeiras questionam o mundo – procurando estimular seus pequenos leitores a *transformá-lo*, um dia; as segundas *representam* o mundo – procurando mostrar (ou denunciar) os caminhos ou os comportamentos a serem assumidos (ou evitados) para a realização de uma vida mais plena e mais justa. Dessa intencionalidade (consciente ou inconsciente) derivam as diferenças literárias que as distinguem (NOVAES, 2000, p. 150).

A autora enfatiza que as duas têm um objetivo importantíssimo, o de dar prazer ao leitor, e reflete que o valor de um livro está relacionado com uma visão questionadora de mundo. Esta visão está em constante transformação, e permite que o leitor busque observar e refletir acerca do mundo que o cerca, mesmo que ainda pequeno, assim, possibilitando o desenvolvimento de uma consciência crítica.

Essas mudanças que ocorreram nas narrativas destinadas às crianças nos apontam que na década de 1970 a literatura infantil no Brasil percorre um novo rumo. Cabe ressaltar que os acontecimentos que contribuíram para tais mudanças não aconteceram de forma linear, e nem mesmo como um passe de mágica.

O Brasil também passava por grandes mudanças em diferentes âmbitos, como na política, economia, entre outros. As mudanças na literatura infantil estavam engajadas dentro de uma sociedade que estava em luta e em constante movimento. Portanto, foi também na literatura que surgiu a possibilidade de formar um sujeito que não fosse um mero receptor dos ensinamentos do poder dominante, mas um ser humano capaz de desenvolver o pensamento crítico através das narrativas, ideia ainda bastante atual.

É possível perceber na breve contextualização aqui realizada que não foi de repente que o texto destinado às crianças deixou de ter um caráter didático para preocupar-se com um leitor participante. Vale destacar, ainda, que assim como na época que aconteciam tais

mudanças, atualmente também muitos livros infantis continuam a apresentar enredos com caráter didático, moralizando, patriota, preocupados em passar ensinamentos.

2.2 A literatura infantil produzida em Santa Catarina

O prefácio "A evolução da literatura infantil e juvenil catarinense" escrito por Danusia Aparecida Silva para o livro *Presença da Literatura Infantil e Juvenil em Santa Catarina* organizado por Yedda de Castro Bräscher Goulart traz, em suas primeiras linhas, que "Somente a partir de 1970 a produção literária dos escritores catarinenses endereçada a crianças e jovens vem a público sem a preocupação doutrinária ou com incumbência de educar e formar esse futuro homem" (SILVA, 2009, p. 19). Cabe considerar que isso não quer dizer que muitos livros a partir dessa data ainda não tragam conteúdo doutrinador e moralizante.

Percebe-se pelas palavras de Danusia A. Silva que na década de 1970 iniciaram algumas mudanças no cenário da literatura infantil e juvenil em Santa Catarina. Essas mudanças dialogam com a literatura nacional, que via o leitor como um mero receptor dos ensinamentos das narrativas e que passou a vê-lo, no decorrer das décadas seguintes, como um participante ativo.

Com a intenção de contextualizar a literatura infantil em nosso estado, e trazendo os livros infantis do "Concurso de Histórias para a Infância Catarinense" à tona, é importante destacar também o livro *A literatura infantojuvenil catarinense na perspectiva de Lauro Junkes* organizado por Terezinha Kuhn Junkes, onde é apresentado, por meio de pequenos resumos, os 20 títulos da primeira edição do concurso, e um parágrafo com algumas informações sobre ele. Enfatizamos que dos 20 títulos da primeira edição, somente oito serão aqui analisados, que se somam com mais dois da segunda edição.

Debus (1996) pontua as obras de literatura infantil e juvenil em nosso estado, apresentando também o concurso, com seus títulos e autores. A pesquisadora alerta que a literatura para a infância é efetivada na década de 1970, em termos de quantidade e também de qualidade, destacando entre vários títulos, as duas edições do "Concurso de Histórias para a

Infância Catarinense", apresentando os títulos e autores, como já mencionado. A autora enfatiza que,

A coleção apresenta narrativas bem diversas em sua construção e temática. Vale ressaltar os títulos; Benina Bernunça com Dor de Barriga, A Baleia da Praia da Armação, A Lenda do Peixe Boi, A Terra do Passavento, Dorotéia e o Vento Sul, Gugu da Barriga Verde e Dr. Barbado: O Rei da Lagoa, que abordam de forma lúdica e criativa temas de Santa Catarina, como o folgado do boi-de- mamão, a origem da denominação "barriga verde" e lendas sobre os animais marítimos (DEBUS, 1996, p. 34).

A autora destaca esses títulos por trazerem características regionais, e aqui neste trabalho eles serão trazidos e analisados. Essas narrativas contemplam um dos objetivos do concurso: aproximar as crianças de histórias que trazem elementos de Santa Catarina, como a cultura e seu povo. Assim como Debus (1996) mencionou, o Boi-de-mamão, o termo "barriga verde", entre outros, são temas que caracterizam Santa Catarina.

A autora ressalta que "[...] percebe-se que a produção literária para o público mirim aumentou sensivelmente a partir da década de 1970 [...] Santa Catarina possui uma literatura para crianças e esta não pode ser esquecida, deve ser lembrada, avaliada para que possamos ter mais e mais livros a disposição do público leitor (DEBUS, 1996, p 39).

Outra referência que discute a literatura infantil em Santa Catarina é o autor Celestino Sachet (2012) em seu livro *A literatura dos catarinenses*. No capítulo *Magia da transrealidade* o autor vai apresentando a história da literatura infantil e juvenil no Brasil, apontando as mudanças ocorridas a partir da metade do século XX no cenário da literatura infantil, como já contextualizamos, e destacando as lendas, como a do Saci Pererê, e também a produção literária de Monteiro Lobato.

A partir da contextualização em nível nacional, o autor apresenta um pouco da literatura infantil e juvenil em Santa Catarina destacando três momentos da evolução dela: visão ideológica, visão pedagógica, e visão sociológica. Ele explica o primeiro momento como a "visão ideológica do escritor eventualmente atraído pela LIJ" (SACHET, 2012, p. 523), o segundo momento como a "visão pedagógica do autor, preocupado com a criação de textos com fundamentos éticos para ordenar a História de maneira impositiva" (SACHET, 2012, p. 523) e o terceiro momento como a "visão sociológica e libertadora do leitor, que

exige respeito ao modo individual de movimentar-se dentro do contexto em que vive" (SACHET, 2012, p. 523)

Parece ser neste terceiro momento que o "Concurso de Histórias para a Infância Catarinense" está inserido, pois foi na década de 1980 que a literatura infantil e juvenil começou a trilhar outros caminhos em Santa Catarina, inserida no contexto em nível nacional. A partir de então, o foco das narrativas não seria passar ensinamentos e lições, mas "assumir a visão do pequeno leitor, cujos valores giram em torno de eixos distanciados da sociedade comandada pelos adultos" (SACHET, 2012, p. 527). O autor enfatiza, ainda, que o concurso impulsionou essa nova literatura, e apresenta os títulos dos livros infantis publicados e autores.

É possível perceber que as mudanças ocorridas na literatura infantil em Santa Catarina, precisamente na década de 1970, estão engajadas nas mudanças que estavam acontecendo a nível nacional na literatura para crianças. Importantes acontecimentos já mencionados, como a criação da Fundação do Livro Escolar, Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, Fundação da Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil e a Lei 5.692/71 apontaram novos rumos no cenário literário a nível nacional, portanto, também em Santa Catarina.

2.3 A produção literária brasileira para crianças: a distribuição de livros infantis para instituições públicas de educação

Consideramos necessário refletir, ainda, sobre a importância dos livros infantis de diferentes gêneros literários chegarem às instituições públicas de educação. Para tanto, enfatizamos a importância que o concurso deu para a distribuição dos livros infantis para as escolas e creches do nosso estado, já na década de 1980, e trazemos na história da literatura infantil brasileira a criação do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), na década de 1990.

O "Concurso de Histórias para a Infância Catarinense" distribuiu para as escolas e creches da rede de ensino público, municipal, estadual e particular de Santa Catarina os 31

títulos publicados, sendo que a Associação de Crédito e Extensão Rural de Santa Catarina (ACARESC) ficou responsável em acionar mecanismos para que os livros chegassem às crianças da zona rural, e a Assistência Pesqueira de Santa Catarina (ACARPESC) às crianças das comunidades pesqueiras (O ESTADO, 08.08.84, p. 23). Observamos que esta ação do concurso antecedeu algumas políticas públicas de distribuição de livros, como o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) que iniciou na década de 1990 e perdura até os dias atuais.

O PNBE foi fundado em 1997, sendo executado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) com parceria da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação (SEB/MEC). Nos anos de 1998, 1999 e 2000 os livros eram enviados para as bibliotecas das escolas; já de 2001 à 2003 o Programa passou a ser conhecido pelo projeto "Literatura em Minha Casa", no qual os alunos podiam levar os livros para os familiares, já que o Programa entendia que eles teriam maior oportunidade em relação a uma aprendizagem significativa se sua família fosse alfabetizada.

Após várias discussões, em 2005 os livros passaram a ser enviados para as bibliotecas das escolas novamente, tendo como foco os primeiros anos do Ensino Fundamental, em 2006 o foco ficou nos anos finais. Em 2008 as instituições de Educação Infantil passaram a ser contempladas. Cabe considerar que o PNBE distribuí livros de diferentes gêneros literários.

A criação do PNBE foi decorrente de muitos acontecimentos, principalmente daqueles que antecederam a década de 1970 e que se consolidaram nela, como já mencionados, alguns deles: Criação da Fundação do Livro Escolar (1966); Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (1968); Fundação da Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil (1979); e a importante lei 5.692/71.

Algumas ações também contribuíram para a criação do Programa: Programa Nacional Sala de leitura (PNSL), em vigência de 1984 a 1987, a criação do Programa foi realizada pela Fundação de Assistência ao Estudante (FAE); Programa Nacional de Incentivo à Leitura (Proler), em vigência de 1992 até os dias atuais, a criação do Programa foi realizada pela Fundação Biblioteca Nacional, do Ministério da Cultura; Pró-leitura na Formação do Professor, em vigência de 1992 a 1996, a criação foi realizada através do Ministério da Educação (MEC) em parceria com o governo francês; e Programa Nacional Biblioteca do

Professor, em vigência de 1994 a 1997, foi extinto com a criação do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) em 1997, sendo vigente ainda hoje.

É possível perceber por meio da contextualização da história da literatura infantil brasileira aqui realizada que, se anteriormente à década de 1920 havia no Brasil uma produção literária escassa para a infância, hoje temos um Programa – PNBE - que distribui livros para as instituições públicas de educação básica do Brasil. Cabe enfatizar que as produções enviadas para as instituições são devidamente selecionadas através de critérios de avaliação, "No ano de 2005, a SEB/MEC passou a realizar esse trabalho em parceria com Universidades Públicas Federais e, para tanto, a partir do PNBE/2005, vem selecionando instituições que, sob sua coordenação, executam a avaliação" (BRASÍLIA, 2008, p. 11). Portanto, entende-se que são obras de qualidade, com objetivos de desenvolver o imaginário infantil, dar prazer a quem está lendo, possibilitar diferentes experiências, e desenvolver uma consciência crítica.

Cademartori (2010) contextualiza o período que os livros literários começaram a ser distribuídos pelo MEC através do Programa Nacional Sala de leitura: "Se a iniciativa oficializava os laços entre literatura infantil e educação, o que, na opinião de muitos, comprometia a natureza literária do gênero, na mesma medida vinha promovê-lo, tornando a distribuição de livros a estudantes parte de uma política pública" (CADEMARTORI, 2010, p. 7 e 8).

A autora destaca, ainda, que a leitura literária em espaços institucionais era entendida como instrumento de ensino da língua, sendo que esta não é sua principal função, como já mencionamos. Mas, mudanças ocorreram e ocorrem fazendo com que, aos poucos, essa concepção deixe de predominar nesses espaços. A autora aponta que,

Nos últimos anos do século XX, a noção da importância da literatura infantil na formação de pequenos leitores consolidou-se, integrando a pauta das políticas públicas de educação e cultura. Se ainda estamos longe de constituir um país de leitores, se os problemas da qualidade da educação fundamental são grandes e persistentes, a escola e o gênero, no entanto, já não são os mesmos que eram nos anos 1980. Passaram ambos por modificações conceituais e funcionais que alteraram seus perfis (CADEMARTORI, 2010, p. 9).

Essas modificações conceituais e funcionais acerca da literatura infantil, e também das instituições de educação pública, fazem com que atualmente a leitura literária venha sendo compreendida como fundamental na formação de leitores, e também na construção de uma consciência crítica. Sabemos que muito há para mudar no âmbito da literatura infantil brasileira, mas é necessário considerar as mudanças realizadas até o presente, e os caminhos em construção para que outras ocorram.

Por considerar importante refletir sobre as transformações na produção literária para crianças brasileiras, tendo como foco o objetivo principal deste trabalho que é estudar as marcas do ser catarina, isto é, os elementos de regionalidade, nos livros infantis da coleção Pró-Criança, contextualizamos em nível nacional a literatura infantil nas décadas de 1970 e 1980, e depois inserimos neste contexto a literatura produzida para crianças e jovens no estado de Santa Catarina. Feito isto, cabe analisarmos no capítulo seguinte os 10 títulos selecionados, refletindo sobre os aspectos regionais neles evidenciados.

3 AS MARCAS DE REGIONALIDADE NOS LIVROS INFANTIS DA COLEÇÃO PRÓ-CRIANÇA

O "Concurso de Histórias para a Infância Catarinense" tinha como um dos objetivos "[...] promover narrativas que contassem o folclore e a realidade do estado" (O ESTADO, 08.08.84, p. 23). Verificamos que no conjunto dos 31 títulos publicados, 10 narrativas trazem aspectos do ser catarina, sendo oito títulos da primeira edição (1985) e dois títulos da segunda edição (1986), as demais não contemplam este objetivo do concurso. Após selecionarmos os 10 títulos e resenhá-los, levantamos quais elementos do ser catarina são apresentados nas narrativas, buscando analisar como as características regionais se inserem nelas. Para efetivarmos a análise nos amparamos nos estudiosos Olanda; Almeida (2008) e Lima (2000) que abordam questões acerca da relação geografia e literatura.

Cabe enfatizar que os estudiosos do campo da geografia contribuem para a análise dos elementos regionais trazidos nas narrativas. Consideramos relevante trazer aspectos também do campo da geografia que nos ajudam a pensar sobre as paisagens geográficas naturais e construídas evidenciadas nas histórias. No entanto, essa área de conhecimento não será o foco principal e sim uma visão literária. Desse modo, refletimos sobre os aspectos regionais e sua importância nos textos destinados às crianças.

Consideramos relevante, ainda, trazer neste trabalho características gerais da composição material dos livros analisados, pois hoje eles são de difícil acesso, e há pessoas que os desconhecem. Neste capítulo também refletimos acerca de questões desenvolvidas por Marilda Merêncio Rodrigues (2001) em sua dissertação *Pró-criança: por entre creches, livros e canções, a busca de consensos (Santa Catarina - década de 1980)* ao trazer reflexões sobre o projeto governamental Pró-criança, abordando também sobre os livros que foram resultados do concurso. A autora destaca questões relevantes sobre o governo do estado de Santa Catarina na época do projeto e os nomes que deram base ao mesmo, porém problematizamos aqui somente os pontos relacionados às narrativas.

3.1 Conhecendo 10 narrativas da coleção pró-criança

Para realizarmos a seleção das narrativas que trazem aspectos regionais e resenhá-las, buscamos na Biblioteca do Estado de Santa Catarina os 20 títulos publicados na primeira edição do concurso. O acesso aos 11 títulos publicados na segunda edição se deu através do acervo do grupo de pesquisa sobre Literatura Infantil e Juvenil e práticas de mediação literária: Literalise/UFSC. Cabe ressaltar que o material das duas edições foi fotografado, pois é de difícil acesso, como já mencionado. Destacamos no quadro a seguir os títulos selecionados e analisados.

Títulos resenhados e analisados			
TÍTULO	AUTOR/A	ILUSTRADOR/A	EDIÇÃO/ANO
A baleia da praia da Armação	Gladys Teive	Astrid Munch	1ª edição - 1985
A lenda do peixe-boi	Fábio Bruggemann e Danusa Meneghello	Zito	1ª edição - 1985
As traquinagens da tainha Troc	Eduardo Saavedra	Nice	1ª edição - 1985
Benina-Bernunça com dor de barriga	Sérgio Jeremias de Souza	Astrid Munch	1ª edição - 1985
Dr. Barbado: o rei da lagoa	Paulo J. da Silva	Astrid Munch	1ª edição - 1985
Gugu da barriga verde	Ana Lize Brancher	Mário César Coelho	1ª edição - 1985
Kinkim, o pinguim	Carla Calazans	Astrid Munch	1ª edição - 1985
Mino, o passarinho do sino	Sérgio Meurer	Astrid Munch	1ª edição - 1985
A terra do passavento	Danuza Meneghello	Nice	2ª edição - 1986
Dorotéia e o vento sul	Gladys Teive	Nice	2ª edição - 1986

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

A baleia da praia da Armação



Em *A baleia da praia da Armação*, de Gladys Teive, a narrativa gira em torno do dia em que uma baleia aproximou-se da praia da Armação do Pântano do Sul, e a novidade foi tanta que os moradores, as rendeiras e os meninos da região foram vê-la. Luca foi o menino que mais perto chegou, eles ficaram tão amigos que a baleia, chamada de baleia Zinha, convidou-o para dar um passeio no fundo do mar.

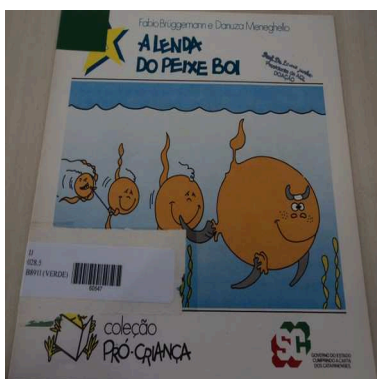
No fundo do mar, Luca encontrou-se com a rainha, uma lagosta dourada, e ela o convidou para ir até seu palácio. O menino espantou-se ao chegar no local, parecia mais um hospital de animais marinhos. A rainha explicou que ele havia sido escolhido para uma grande missão: pedir para os adultos não poluírem mais as águas, pois a vida no fundo do mar estava acabando.

A rainha pediu isso para o menino por achar que só as crianças podem tocar no coração de pedra dos adultos. Luca aceitou ajudar, chegou na praia e contou aos amigos tudo que havia acontecido, e com o auxílio da TV que desceu do Morro da Cruz para entrevistá-lo, todos ficaram sabendo.

Fugindo de um final feliz, a autora possibilita uma continuação da narrativa: "Se acreditam ou não, não sabemos, mas assim que a baleia Zinha voltar, se ela puder voltar, vamos saber se os adultos ainda possuem um coração!!!" (TEIVE, 1985, s.p.). Cabe ressaltar, as ilustrações de Astrid Munch que abrilhantam o texto com diferentes cores e técnicas.

A narrativa apresenta muitos elementos regionais, como a praia da Armação do Pântano do Sul, localizada em Florianópolis; as rendeiras; a TV que fica no Morro da Cruz e os pescadores. Cabe considerar a contextualização inicial: "Bem embaixo do mapa do Brasil existe uma ilha chamada Florianópolis. Nesta ilha há muitas praias e nelas muitos pescadores com suas redes" (TEIVE, 1985, s.p.).

A lenda do peixe-boi



A narrativa *A lenda do peixe-boi*, de Fábio Bruggemann e Danuza Meneghello, narra a história de um boi um pouco vesgo que morava em uma casa a beira mar, mas queria mesmo era morar no mar. Enquanto pastava, ele chegava bem perto da cerca, pois tinha muita vontade de brincar com os peixes. Certo dia, o boi conseguiu pular a cerca. Ao chegar perto do mar, ficou se admirando no reflexo da água, tinha a sensação de liberdade. Festejou com o novo amigo peixe e a Dona rendeira que foi espiar o que estava acontecendo. O seu novo amigo o convidou para ir no fundo do mar conhecer seus amigos. Ele aceitou, e assim, conheceu a vida marinha: "Parecia até uma grande fazenda; Só que era uma fazenda sem cercas e sem homens que comem carne de boi" (BRUGGEMANN; MENEGHELLO, 1985, s.p).

O boi, com o passar do tempo, foi modificando seus hábitos: passou a se alimentar de alga; no lugar de patas passou a ter barbatanas; o rabo estava igual ao dos peixes; e não mugia mais, agora falava a língua dos peixes. Portanto, não era mais um boi, mas um peixe-boi: enorme e vermelho.

Os autores explicam que a história não termina completamente feliz: "[...] o boi não viveu feliz para sempre, não. É que de vez em quando ele dava cabeçadas nos outros peixes e nos cascos dos barcos, ou quando não, cumprimentava todo mundo duas vezes, por causa dos seus olhinhos atravessados" (BRUGGEMANN; MENEGHELLO, 1985, s.p).

Os elementos regionais apresentados na narrativa são: o mar, sendo a característica principal da cidade de Florianópolis, e a rendeira. Existem diferentes versões da lenda do peixe-boi, acreditamos que esta seja mais uma feliz versão, onde aspectos sobre liberdade são enfatizados. Cabe considerar, ainda, as ilustrações de Zito que fazem a história ficar ainda mais bonita.

As traquinagens da tainha Troc

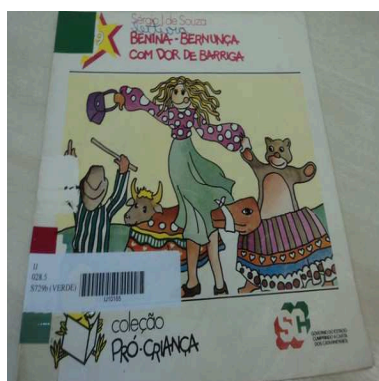


Em *As traquinagens da tainha Troc*, Eduardo Saavedra constrói a história da inusitada visita da tainha Troc à família Oliveira que morava na Barra da Lagoa, localizada na ilha de Santa Catarina. Certo dia, o filho menor da família, chamado Pedro, escutou dos pescadores que havia uma tainha que podia viver fora da água, e fazia muitas traquinagens dentro de casa, ela era chamada de tainha duende.

Não demorou para que a tainha duende fosse visitar a família Oliveira. A visita chegou por meio de um redemoinho de areia, ela se chamava Troc. Muitas traquinagens realizou no período que passou com eles: colocou sal no pudim, escondeu meias, fez aviãozinho de papel com a coluna de esportes do jornal, entre outras. A família não aguentava mais a tainha, então, Pedro desenhou com lápis colorido um barco na parede, e "Quando Troc o viu, saltou na parede, começou a remar e... foi-se no barco" (SAAVEDRA, 1985, s.p).

Os elementos regionais apresentados na narrativa são: o local onde a família Oliveira mora - O bairro Barra da Lagoa, localizado em Florianópolis; os pescadores, e também o peixe tainha, bastante conhecido na região. Cabe ressaltar, as ilustrações de Nice que trabalhou com imagens em preto e branco durante toda a narrativa, e no momento que Pedro desenhou o barco na parede elas ganharam cor.

Benina-Bernunça com dor de barriga

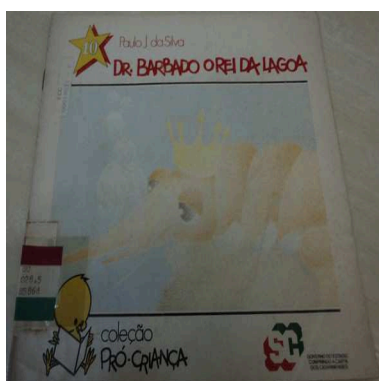


Em *Benina-Bernunça com dor de barriga*, de Sérgio Jeremias de Souza, a ação da narrativa decorre do fato da bernunça do boi-de-mamão do seu Juca estar acamada e a busca do motivo e cura da doença. Certo dia, seu Juca foi avisá-la sobre o horário da apresentação e encontrou a bernunça doente na cama, descobriu que ela havia engolido um balde por viver de boca aberta e sorrindo.

Todos os integrantes do boi-de-mão resolveram fazer um chá para que a bernunça melhorasse: o cabritinho ajudou com maçanilha, o urso com cana-cidreira, o vaqueiro com limões-bravos, e a Maricota fez o chá. A Benina-Bernunça tomou, e passou a dor de barriga. Agora ela tinha a boca amarrada com um pano, pois "[...] quem – por acidente – engoliu um balde inteiro, por acidente pode engolir qualquer coisa que estiver pela frente" (SOUZA, 1985, s.p).

A narrativa evidencia uma importante manifestação folclórica do estado de Santa Catarina: o folguedo do boi-de-mamão. Ela é conhecida principalmente na cidade de Florianópolis, mas também faz-se presente em outras regiões do Brasil, sendo chamada de Boi-Bumbá e Bumba Meu Boi. Os personagens da brincadeira são: a cabra, o vaqueiro, a bernunça e a Maricota. Cabe ressaltar, ainda, que as ilustrações de Astrid Munch acompanham a narrativa e dão um colorido marcante a mesma.

Dr. Barbado o rei da lagoa



A narrativa *Dr. Barbado: o rei da lagoa*, de Paulo J. da Silva, tem como protagonista um camarão que morava na lagoa e era autoritário com os moradores dela, porém eles tomaram a decisão de fazer uma nova eleição e os rumos da lagoa mudaram. As mudanças iniciaram quando Dona Floripa, a tainha mais velha e responsável da lagoa, se propôs a disputar a coroa com o camarão dominador.

Dona Floripa por ter muitos seguidores ganhou a eleição. Dr. Barbado irritado jogou a coroa longe, na terra. Ela e seus seguidores tentaram pegar a coroa, mas não deu certo. A tainha ficou um tempo triste por não poder usá-la, mas logo tudo melhorou: "Viu então, juntamente com os que lhe acompanhavam, que a coroa pouca coisa valia perto de tantas maravilhosas e úteis obras que estavam sendo feitas pelo pleno desenvolvimento e harmonia da tão hospitaleira lagoa" (SILVA, 1985, s.p.).

O elemento regional apresentado na narrativa é o local onde os acontecimentos ocorrem: a Lagoa da Conceição, localizada em Florianópolis, e a tainha, peixe bastante

conhecido na região. Cabe ressaltar, ainda, que a ilustradora Astrid Munch utiliza de muito colorido, e técnica diferenciada para abrilhantar ainda mais a narrativa.

Gugu da barriga verde



Em *Gugu da barriga verde*, de Ana Lize Brancher, a problemática da narrativa se deve a curiosidade do menino Gugu que não entendia porque era chamado de barriga verde. Gugu examinava sua barriga e não tinha nem vestígios da cor verde. Ele tentava se distrair assistindo TV, mas o apresentador do jornal havia falado sobre um povo barriga verde: "Então, além dele, tinha um povo barriga

verde?" (BRANCHER, 1985, s.p.).

Gugu chamou seus amigos, e em busca de respostas foram atrás de um senhor, chamado tio Pedro. Tio Pedro explicou que barriga verde é todo aquele que nasce em Santa Catarina, podendo ser chamado de catarinense também. Assim, "[...] cada uma delas começou a ter idéias sobre o assunto. Então despediram-se de tio Pedro e foram espalhar aos outros o seu novo conhecimento" (BRANCHER, 1985, s.p.).

O elemento regional apresentado na narrativa é a expressão "barriga verde" que perdura até os dias atuais. Há diferentes motivos que fazem o povo catarinense ser chamado de barriga verde. Cabe considerar que a narrativa apresenta um mapa do Brasil, onde está destacado o estado de Santa Catarina e sua capital Florianópolis. Ressaltamos, ainda, as ilustrações de Mário César Coelho que acompanham a história de forma divertida.

Kinkim, o pinguim



A narrativa *Kinkim, o pinguim*, de Carla Calazans, apresenta a visita do pinguim Kinkim a uma das praias da ilha de Santa Catarina, no verão. A visita dele foi um acontecimento, todos queriam vê-lo, até na TV o pinguim Kinkim aparecia. Depois de um tempo soube que precisava de frio para viver, assim, "Chegou, infelizmente, a hora dele volta para o lar. Lá se foi embora pra quem sabe um dia retornar" (CALAZANS, 1985, s.p).

O elemento regional apresentado na narrativa é o local onde a história acontece: em uma das praias de Florianópolis, sendo um acontecimento comum aparecerem pinguins nas praias da cidade. Cabe ressaltar, que Astrid Munch através das ilustrações traz um colorido marcante, e técnica diferenciada, deixando a história ainda mais divertida e encantadora.

Mino, o passarinho do sino



A narrativa *Mino, o passarinho do sino*, de Sérgio Meurer, focaliza a história no pardal Mino que morava embaixo do sino da Catedral, e que gostava de escutar o sino badalar. Certo dia ele foi conversar com seus amigos e no lugar de sua fala saiu o barulho do sino. No começo foi até engraçado, mas depois seus amigos ficaram enjoados e ele não tinha mais com quem brincar, ficou triste e sozinho.

Os amigos o abandonaram, mas a pardoca Lili ainda conversava com Mino, pois ela foi aprendendo a nova língua do passarinho. Certo dia, um pardal, chamado Tico, caiu em uma arapuca, e Mino foi pedir socorro, mas os passarinhos não o entendiam. Lili entendeu e traduziu o que ele disse, assim, todos conseguiram salvar o Tico.

O ocorrido fez com que os passarinhos começassem a brincar com Mino novamente, e a tentar entender o que ele falava: "Assim, os passarinhos perceberam que devemos dar atenção também àqueles que não compreendemos, pois podem ter algo importante para contar. E é conversando que a gente se entende" (MEURER, 1985, s.p).

O elemento regional é apresentado na narrativa através do principal local onde os acontecimentos ocorrem: o sino da Catedral de Florianópolis. Cabe ressaltar, ainda, que a Catedral está evidenciada também nas ilustrações de Astrid Munch, e as mesmas são coloridas em tons fortes e deixam a narrativa ainda mais encantadora.

A terra do passavento



A narrativa *A terra do passavento*, de Danuza Meneghello, explora uma das características da Ilha: o vento Sul. O vento Sul morava em uma cidade que nada ficava no lugar: o cabelo de Rita, as árvores, e até as casas. Certo dia, chegou na cidade uns homens falando sobre a construção de um catavento, começaram rápido a construí-lo sem nem falar com os moradores da região.

O povo não gostou da construção e se manifestou: "- Não queremos catavento, nenhum invento, gostamos da fala, um dia mansa, outro forte, do ventilhão, o silêncio de vocês é muito barulhento" (MENEGHELLO, 1986, s.p). E assim, o vento continuou habitando na região: "Sem sono passeava o vento, ora ali, ora acolá, deixando por onde voava um cheiro doce de terra, de flor e de casas coloridas que dançam no ar" (MENEGHELLO, 1986, s.p).

O elemento regional apresentado na narrativa é o forte vento, podendo ser sul ou norte. Cabe considerar que o vento Sul é uma das características principais da ilha de Florianópolis, Santa Catarina. Ressaltamos, ainda, as ilustrações de Nice que marcam as transformações na terra onde o forte vento habita.

Dorotéia e o vento sul



A narrativa *Dorotéia e o vento sul*, de Gladys Teive, apresenta o passeio da andorinha Dorotéia em um dia de forte vento Sul na ilha de Santa Catarina. Nesses dias, os pássaros nem saem de casa, ficam em casa fritando bolinhos, ensaiando cantos ou na casa do João de Barro, mas a andorinha resolveu dar um passeio.

Dorotéia estava cansada das histórias de João de Barro, que era um ótimo contador de histórias: contava que cantou na inauguração da Ponte Velha, que brincou de esconde-esconde no Mercado Público, e que brincava aos domingos na escadaria da Catedral. Farta disso, a andorinha deixou o ninho e foi brincar com o vento Sul, que a arrastou por diferentes lugares da ilha: morros, praias, entre outros.

O vento Sul dura três dias, e já estava no terceiro dia, portanto, ao anoitecer ele foi virando brisa. "E desse jeito, os dois novos companheiros despediram-se e seguiram seu caminho" (TEIVE, 1986, s.p). Ao voltar para o ninho, os pássaros estavam preocupados, principalmente João de barro, mas ela nem ligou para o que falavam, pois havia gostado bastante do dia.

Um dos elementos regionais apresentados na narrativa é o forte vento Sul, sendo uma das características de Florianópolis, Santa Catarina. Outros elementos também estão presentes: Ponte Velha, Mercado Público, Catedral, morros, e praias. Alguns desses elementos também são evidenciados por meio das ilustrações de Nice, elas acompanham a história de forma divertida.

3.2 Elementos geográficos nas narrativas

As 10 narrativas aqui analisadas, de modo geral, trazem aspectos da capital de Santa Catarina, a cidade de Florianópolis: praias, morros, elementos históricos – Catedral, Ponto Velha, Mercado Público – e suas principais características – o vento sul, as rendeiras e os

pescadores. No quadro a seguir evidenciamos os elementos regionais trazidos em cada narrativa, como já mencionados no último parágrafo de cada resenha.

Elementos regionais nas narrativas

TÍTULO	AUTOR/A	ILUSTRADOR/A	ELEMENTOS REGIONAIS
A baleia da praia da Armação	Gladys Teive	Astrid Munch	Praia da Armação do Pântano do Sul, Morro da Cruz, rendeiras e pescadores.
A lenda do peixe-boi	Fábio Bruggemann e Danuza Meneghello	Zito	Mar e rendeiras.
As traquinagens da tainha Troc	Eduardo Saavedra	Nice	Barra da Lagoa, pescadores, e o peixe tainha.
Benina-bernuça com dor de barriga	Sérgio Jeremias de Souza	Astrid Munch	Boi-de-mamão.
Dr. Barbado: o rei da lagoa	Paulo J. da Silva	Astrid Munch	Lagoa da Conceição, e o peixe tainha.
Gugu da barriga verde	Ana Lize Brancher	Mário César Coelho	Expressão "barriga verde".
Kinkim, o pinguim	Carla Calazans	Astrid Munch	Praias da ilha.
Mino, o passarinho do sino	Sérgio Meurer	Astrid Munch	Catedral de Florianópolis.
A terra do passavento	Danuza Meneghello	Nice	Vento sul.
Dorotéia e o vento sul	Gladys Teive	Nice	Vento sul, Ponte Velha, Mercado Público, morros e praias.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

As narrativas destacadas trazem as paisagens geográficas naturais e construídas da cidade de Florianópolis. Os aspectos geográficos naturais são referentes à natureza, como o mar, os morros, as praias, a lagoa, o vento Sul, entre outros. E os aspectos geográficos construídos são referentes às construções realizadas pelo homem, como os prédios históricos

evidenciados - a Catedral, a Ponte Velha, o Mercado Público, entre outros. São também apresentados os pescadores, as rendeiras, e a expressão "barriga verde" que se refere às pessoas que nasceram no estado de Santa Catarina. Consideramos que a pesca, a renda de bilro e a expressão "barriga verde" são elementos de tradição regional, assim, os entendemos como aspectos geográficos construídos por fazerem parte da cultura de um povo.

Olanda e Almeida (2008) referendadas em Coutinho (1995) apontam que há duas manifestações de regionalismo na literatura: "[...] num sentido amplo afirma ele, toda arte é regional quando possui uma região determinada como pano de fundo. E, num sentido mais restrito, a obra para ser classificada como regional deve não somente ser localizada regionalmente como também deve substanciar-se do real desse local" (OLANDA; ALMEIDA, 2008, p. 11 e 12).

Nas narrativas aqui analisadas havia como obrigatoriedade, por ser um dos objetivos do concurso, apresentar algum elemento sobre a realidade ou o folclore do estado de Santa Catarina. Observamos, como já mencionado, que todas além de serem localizadas regionalmente, apresentam elementos reais da cidade de Florianópolis, os diferentes espaços e características da região. Essas narrativas, como outros exemplos de narrativas literárias, evidenciam que a ficção carrega dados de realidade histórica, política e geográfica. Lima (2000) enfatiza que,

[...] a riqueza das diferentes fases das artes literárias em nosso país nos legou renomados autores que muito contribuíram para singulares descrições da nossa sociedade e de seus estilos, valores, folclore, ou do ambiente natural, pela narrativa minuciosa destes aspectos diferenciados, conforme as regiões geográficas brasileiras. Por meio de descrições originais, tomaram o espaço narrado, mais do que um simples cenário, mas, verdadeiramente, um símbolo da própria vida [...] (LIMA, 2000, p. 22).

Os autores das 10 narrativas selecionadas trouxeram os valores históricos, o folclore, a natureza, os diferentes espaços e características da cidade de Florianópolis não somente como simples cenário para que o enredo acontecesse. Mas, como elementos fundamentais para o desenvolvimento da história, assim, contribuíram, mesmo não tendo intenção, para o registro geográfico da região. Por meio das escritas e ilustrações focalizaram as inter-relações do homem com seu espaço, e as características de uma determinada época, cabe considerar que, de forma lúdica, já que eram destinadas às crianças.

Lima (2000) enfatiza que a descrição do espaço não é realizada meramente para que a história aconteça, mas é realizada a partir de uma imaginação centrada em observações da realidade. Desse modo, a forma como o escritor percebe e sente o lugar que está descrevendo influencia na construção das imagens mentais que os leitores realizam. Cabe considerar que "O conhecimento dos lugares, ainda que somente de modo conceitual, adquirido pela leitura das obras literárias, não deixa de ser uma forma de experienciar as diversas faces do espaço" (LIMA, 2000, p. 31).

É certo afirmar que nas narrativas do concurso nem todos os espaços estão descritos minuciosamente, mas se observa que nas ilustrações há a intenção de ressaltar os elementos apontados pelo texto, como o mar, os altos morros, as praias, a Catedral, entre outros. Assim, por meio da escrita e das ilustrações é possível que o leitor que desconhece esses elementos possa passar a conhecer e criar imagens mentais a partir da sua experiência com a obra literária. Destacamos a narrativa *Benina-Bernunça com dor de barriga*, de Sérgio Jeremias de Souza, que, além de apresentar o folclore do estado de forma criativa, não seguindo especificamente uma apresentação do boi-de-mamão, evidencia os reais personagens da manifestação folclórica, onde todos são denominados e fazem parte do enredo, e ganham ainda mais ênfase por meio das ilustrações. Portanto, o leitor que desconhece tal manifestação folclórica pode enveredar-se pela narrativa e se apropriar desses conhecimentos.

Cabe ressaltar, a preocupação de alguns autores das narrativas em contextualizar o local onde acontece o enredo, não apenas evidenciando se é praia, lagoa ou uma terra onde habitava um forte vento. Mas, apontando a localização da ilha de Santa Catarina no mapa geográfico do Brasil. Destacamos a narrativa *Gugu da barriga verde*, de Ana Lize Brancher, que traz o mapa do Brasil nas suas ilustrações, onde o estado de Santa Catarina e a cidade de Florianópolis são apontadas com cores diferentes. Portanto, além de realizar na escrita a localização do estado e da cidade em um espaço maior: o Brasil, também desenvolve essa apresentação nas ilustrações. O leitor que desconhece a cidade de Florianópolis, por exemplo, pode tomar conhecimento de um de seus principais aspectos geográficos: ela é uma ilha.

A narrativa *A baleia da praia da Armação*, de Gladys Teive, também apresenta informações geográficas da sua localização: o bairro Armação do Pântano do Sul, local onde ocorre a história, também tendo como referência o país. Nas primeiras palavras a autora já

evidencia que embaixo do mapa do Brasil há uma ilha que se chama Florianópolis. Essa informação, assim como os outros aspectos trazidos, possibilita que o leitor que desconhece a cidade de Florianópolis, possa tomar conhecimento de características geográficas, em particular, que ela é uma ilha, como ocorre no livro *Gugu da barriga verde*.

Cabe destacar, também, as histórias que apresentam tradições regionais nas narrativas, como a pesca e a renda de bilro. As narrativas *A baleia da praia da Armação*, de Gladys Teive e *As traquinagens da tainha Troc*, de Eduardo Saavedra, ao evidenciarem aspectos regionais trazem os pescadores. A pesca é um elemento forte da cultura da região, Florianópolis herda tal aspecto da imigração açoriana, os portugueses vindos do arquipélago de Açores, em meados de 1700, ainda hoje deixam marcas da sua cultura na ilha, como a cultura da pesca artesanal. Vale destacar que a pesca por muito tempo foi fonte de sustento e renda para os moradores da capital de Santa Catarina.

As duas narrativas ao evidenciarem os pescadores também apresentam o peixe tainha, assim como faz *Dr. Barbado: o rei da lagoa*, de Paulo J. da Silva, por ele ser predominante na região. Há em Santa Catarina a safra da tainha entre maio e julho, elas migram do sul para a costa de Santa Catarina a procura de águas quentes para desovar. Os pescadores artesanais têm os chamados olheiros que possuem a habilidade de enxergar elas chegando nos mares do estado. Cabe enfatizar que a safra da tainha é um forte elemento da cultura do estado.

A baleia da praia da Armação, de Gladys Teive, e *A lenda do peixe-boi*, de Fábio Bruggemann e Danuza Meneghello, mencionam, entre outros elementos regionais, as rendeiras, pois a renda é também uma forte tradição artesanal da região. Em muitos lugares de Florianópolis, como na Lagoa da Conceição, as rendeiras tecem renda com seus ágeis bilros de madeira, feitura que passa de geração a geração. Vale destacar que também é uma tradição que veio nas bagagens dos açorianos, isto é, pelas mulheres das famílias açorianas, elas realizavam este trabalho enquanto os homens da família trabalhavam na pesca. Hoje a tradição está se perdendo devido às mudanças, de modo geral, na sociedade. Mas, vale destacar que ainda há casas de rendeiras em diversos bairros da capital de Santa Catarina.

Um elemento bastante importante para a safra da tainha também se fez presente: o frio. As histórias *A terra do passavento*, de Danuza Meneghello, e *Dorotéia e o vento sul*, de Gladys Teive, evidenciam o vento Sul. O inverno é bastante rigoroso em Florianópolis, sendo

frio e úmido devido ao vento Sul. Ele é uma das características principais da capital de Santa Catarina.

Dorotéia e o vento sul, de Gladys Teive, e *Mino, o passarinho do sino*, de Sérgio Meurer, evidenciam, entre outros elementos, as paisagens geográficas construídas, como o Mercado Público, a Ponte Velha (ponte Hercílio Luz), e a Catedral – todas localizadas em Florianópolis. Os três elementos apresentados possuem características históricas, e fazem parte dos lugares mais conhecidos e visitados da cidade. O Mercado Público é patrimônio histórico, artístico, e arquitetônico da capital do estado, localizado ao lado da antiga Alfândega, no centro da cidade. A conhecida Ponte Velha, denominada de Hercílio Luz, é patrimônio histórico e artístico da capital do estado, ela tinha o objetivo de ligar a ilha ao continente, mas foi fechada na década de 1990. A Catedral de Florianópolis é patrimônio histórico e artístico, localizada no centro da cidade.

De modo geral, o principal elemento evidenciado nas narrativas foi o mar, que assim como os morros e a Lagoa – elementos naturais também apresentados nelas - faz parte das paisagens geográficas naturais da cidade de Florianópolis. Além de parte de Florianópolis ser uma ilha, portanto, banhada pelo mar, unida a sua parte continental é constituída por cerca de 100 praias, duas grandes lagoas, mangues, morros e dunas.

Lima (2000) diz que,

A combinação e a compreensão dos aspectos objetivos e subjetivos concernentes a paisagem/mundo vivido apresentam-se no contexto de algumas obras literárias de forma que revelem justamente esta visão holística da experiência com o espaço, mais próxima da realidade do significado da essência da humanização das paisagens geográficas, naturais ou construídas (LIMA, 2000, p.9).

A autora discute sobre algumas obras literárias revelarem uma visão holística da experiência com o espaço, isto é, a inter-relação do homem com o espaço físico em sua totalidade. A inter-relação do homem com o espaço, isto é, as experiências vividas pelo homem na interação com o espaço, têm aspectos objetivos e subjetivos. Podemos chamar que a narrativa traz o diálogo existente entre os aspectos objetivos, trazidos a partir do campo da geografia, e os aspectos subjetivos, trazidos a partir do campo da literatura.

Lima (2000) diz que o escritor apresenta na narrativa elementos da sua vivência com determinado espaço, seja onde habita ou algum lugar que visitou, e através do seu olhar e do

seu sentir apresenta os elementos que constituem ele. Mas, não só apresenta o vivido, também aproxima o leitor do espaço que desconhece. "[...] um escritor, ao situar os indivíduos ou uma coletividade no meio de uma região, consegue traduzir os seus valores, dando uma visão reveladora da vida do espaço e dos lugares circunscritos à mesma" (LIMA, 2000, p. 11).

Cabe considerar, ainda, duas narrativas da Coleção Pró-Criança que não foram selecionadas para serem aqui analisadas por não terem como plano de fundo do enredo elementos regionais, mas mencionam alguma característica da região, são elas: *Um dia na vida do sol*, de Irene Husmann e ilustrada por Nice (primeira edição), e *Miguelito, o pirulito*, de Else Sant'Ana Brum e ilustrada por Sérgio José Meurer (segunda edição).

A narrativa *Um dia na vida do sol* evidencia um fato ocorrido no estado: "- Há algumas semanas, eu tive um trabalho enorme. Tive que secar as enchentes de Santa Catarina. Era água que não levava fim" (HUSMANN, 1985, s.p.). E a narrativa *Miguelito, o pirulito* através de uma das ilustrações evidencia o boi-de-mamão, como já mencionamos, uma manifestação folclórica predominante na região.

Não é possível considerar que as narrativas *Kinkim, o pinguim*, de Carla Calazans, e *A baleia da praia da Armação*, de Gladys Teive, apresentam também fatos ocorridos no estado de Santa Catarina, como foi destacado na história *Um dia na vida do sol*. Mas, é comum a chegada de pinguins e baleias no litoral catarinense entre os meses de junho e julho, que procuram as águas para se reproduzir, alimentar e descansar. Portanto, é possível que essas histórias tenham registrado tais acontecimentos no estado na época. Lima (2000) referendada em Fremont (1980) enfatiza que,

Para este autor, o espaço vivido é o revelador das realidades regionais, constituindo a essência, o motivo do ser e do existir de uma região. Deste modo, e a apreensão dos componentes que estruturam e ordenam as realidades regionais - administrativas, histórica, ecológica, econômica, psicológica, que leva o Homem a sentir, a modelar este espaço conforme seus conhecimentos pessoais, sejam estes tênues, sejam profundos, sendo também influenciado pelo próprio espaço (LIMA, 2000, p. 11).

Por mais que as narrativas possam trazer registros geográficos de uma determinada época e de um determinado espaço a partir da interação do homem com o espaço, devemos considerar que esse não deve ser o objetivo da obra literária. Por vezes, elas podem apresentar muitos elementos geográficos de uma determinada região, até mais que os manuais e livros de

geografia. Mas, ressaltamos que as obras literárias precisam possibilitar a fruição, o prazer no ato de ler, desenvolver a imaginação, entre outros aspectos próprios da obra literária.

É possível afirmar que as narrativas aqui analisadas evidenciam elementos regionais sem perder o caráter lúdico. Os elementos geográficos apareceram de forma lúdica, por serem histórias destinadas às crianças, e não foram explicados, meramente apresentados ou utilizados como simples cenário, mas eram pertencentes ao contexto do enredo. Vale destacar que as ilustrações, de forma geral, também contribuíram para evidenciar os elementos regionais, sem perder o caráter lúdico, e dialogam com o enredo.

3.3 Conhecendo o material físico dos livros da coleção pró-criança

Consideramos importante apresentar aspectos gerais dos livros infantis aqui analisados por entender que há pessoas que os desconhecem, como já mencionado. E, também, por entender que os livros publicados no concurso estavam em conformidade com as mudanças nos aspectos gráficos que ocorriam em nível nacional na época do concurso, como evidenciam Lajolo e Zilberman (2007) o papel, as letras e ilustrações passaram a ser considerados como elementos importantes a partir da década de 1970.

Os elementos apresentados são: tipo de material utilizado para a impressão do mesmo, a forma de organização, as informações evidenciadas na capa, no verso da capa e na contracapa, e outras características gerais. Cabe enfatizar que os livros infantis na primeira edição do concurso estão disponíveis no acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, como já mencionado.

Os 10 livros, assim como todos da Coleção Pró-Criança, são do mesmo tamanho e formato: papel couché, e acabamento em grampo, sem lombada. O número de páginas varia conforme o tamanho da narrativa, grande parte delas possui entre um e dois parágrafos por página, e não possuem numeração de página. Na capa há o título do livro e ilustração da história a ser contada. Todos os livros possuem título, ilustração, nome do autor, o selo do governo do estado de Santa Catarina, o selo da Coleção Pró-Criança, o número do exemplar, e aqueles que têm patrocinador possuem também o selo da empresa patrocinadora.

O verso da capa se constitui da ficha catalográfica, e de uma introdução que tem como

título na primeira edição: "Histórias para as crianças catarinenses", e na segunda edição: "Coleção Pró-Criança ANO 2", onde tem algumas informações sobre o concurso. A contracapa se constitui do nome do livro, o nome do ilustrador/a, o nome do autor/a, e alguns dados sobre quem escreveu, o selo da LADESC, e a lista com os títulos e autores das histórias classificadas.

Cabe enfatizar, ainda, que, de modo geral, as ilustrações das narrativas aqui analisadas possuem um colorido marcante, acompanham o enredo, muitas de forma divertida, e foram construídas por meio de diferentes técnicas. Elas abrilhantam as histórias, as deixando ainda mais encantadoras. Como já enfatizamos, as paisagens geográficas naturais e construídas do estado de Santa Catarina também foram evidenciadas por meio das ilustrações.

3.4 Outras reflexões

Refletimos, também, sobre alguns apontamentos realizados por Rodrigues (2001) que apresenta algumas questões relevantes sobre o governo do estado de Santa Catarina na época do projeto, e sobre elementos evidenciados nas narrativas - nos quais nos detemos nesta análise. A autora faz três grandes críticas aos livros infantis do concurso.

A primeira refere-se a um dos objetivos do concurso: preservar a identidade catarinense. Ela questiona qual identidade aparece nas narrativas da coleção, relacionando com as ideias de homogeneização, imposição de valores, comportamentos, preconceitos, entre outros.

Não cabe neste trabalho analisarmos o conceito de identidade catarinense, pois o nosso foco está em um dos objetivos do concurso: "[...] promover narrativas que contassem o folclore e a realidade do estado" (O ESTADO, 08.08.84, p. 23). Portanto, entendemos que o principal objetivo do concurso era promover histórias que de alguma forma pudessem dar destaque aos elementos do estado de Santa Catarina, em diferentes aspectos.

Consideramos que as narrativas apresentam, de forma geral, elementos do rumo que a literatura infantil estava tomando, na época, em contínua relação com as mudanças que ocorriam na sociedade. Por exemplo, a história *Dr. Barbado: o rei da lagoa*, de Paulo J. da

Silva, apresenta a união de um povo cansado de ser oprimido e que, unido, busca, através de eleições democráticas, uma outra liderança.

A segunda crítica refere-se à quantidade de publicações com autoria de Florianópolis. A autora ressalta que "[...] pode representar uma tendência a uma regionalização dessa identidade que se anuncia "catarinense", mas que se define a partir da capital do Estado." (RODRIGUES, 2001, p. 124) Ela também destaca sobre as narrativas trazerem elementos somente sobre alguns locais da cidade de Florianópolis, e por vezes apresentarem bichos que não caracterizam a cidade, e nem mesmo fazem parte da fauna do Brasil. Dessa forma, contrariando a um dos objetivos do concurso.

Consideramos relevante o apontamento da autora, e evidenciamos a importância de terem sido publicadas histórias que também trouxessem aspectos de outras cidades do estado de Santa Catarina, e não somente de Florianópolis. Cabe ressaltar que analisamos somente as narrativas que apresentam elementos regionais, porém grande parte dos 31 títulos publicados nas duas edições do concurso não cumprem um dos objetivos do mesmo de apresentar algum elemento do folclore ou da realidade da região.

Referente à autoria das narrativas, a partir das informações trazidas nos livros, destacamos a região dos autores que não residiam na época do concurso na cidade de Florianópolis: o autor de *Benina-bernuça com dor de barriga*, Sérgio Jeremias de Souza, residia em Tubarão/SC; O autor de *Dr Barbado: o rei da lagoa*, Paulo J. da Silva, residia em Tijucas/SC; A autora de *Gugu da barriga verde*, Ana Lize Brancher, nasceu em Capinzal, Vale do Rio do Peixe/SC e não há a informação de onde residia; A autora de *Kinkim, o pinguim*, Carla Calazans, nasceu em Lages/SC e não há a informação de onde residia. E ainda, sobre as duas narrativas que foram somente mencionadas: a autora de *Um dia na vida do sol*, Irene Husmann, residia em São Bento do Sul/SC; e a autora de *Miguelito o pirulito*, Else Sant' Anna Brum, residia em Joinville.

A terceira crítica refere-se à quantidade de livros do concurso que apresentam patrocínio empresarial. A autora apresenta que os 10 livros patrocinados por empresas trazem no enredo relação direta ou indireta com o produto/serviço da empresa que está patrocinando. Por exemplo, *Benina-bernuça com dor de barriga* traz que a bernunça tinha que tomar um chá para melhorar a dor de barriga, sendo que o livro foi patrocinado pela Coca-Cola.

A informação destacada pela autora é importante, por isso destacamos das 10 histórias aqui analisadas, aquelas que possuem patrocínio: *Benina-bernunça com dor de barriga* – Coca-Cola; *Dr. Barbado: o rei da lagoa* – IBM Brasil; *Mino, o passarinho do sino* – BESC – Banco da terra da gente; *Kinkim, o pinguim* – IBM Brasil; e a história que somente mencionamos por apontar as enchentes de Santa Catarina no seu enredo, *Um dia na vida do sol* – Pátria Seguros.

Cabe destacar que não podemos afirmar se os elementos evidenciados nas narrativas – as que possuem patrocinadores - tem relação com a empresa que é patrocinadora, tudo indica que não. Mas, destacamos que como leitoras não percebemos tal aproximação ou objetivo por parte dos autores de darem destaque aos patrocinadores durante o enredo, seja na escrita ou nas ilustrações.

Consideramos relevante apresentar tais reflexões que Rodrigues (2001) trouxe em sua dissertação por tratar do concurso que publicou as histórias aqui analisadas, e por trazer apontamentos relevantes das mesmas. Mas, enfatizamos que, a partir de uma visão literária e considerando a década em que foram escritas, as narrativas evidenciadas neste trabalho possuem um caráter lúdico, não possuem caráter meramente didático, possibilitam a interação da criança com o objeto livro, proporcionam o conhecimento de elementos regionais por meio da escrita e das ilustrações coloridas, sendo algo importante mesmo para as crianças que ainda não conhecem tais elementos e espaços geográficos da cidade de Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os 10 títulos analisados neste Trabalho de Conclusão de Curso foram produzidos e publicados na década de 1980, em duas edições do "Concurso de Histórias para a Infância Catarinense", nos quais são evidenciados elementos geográficos naturais e construídos da cidade de Florianópolis, como: o mar, as praias, os morros, o vento sul, os pescadores, as rendeiras, o peixe tainha, a Catedral de Florianópolis, o Mercado Público, a Ponte Velha, entre outros. Cabe ressaltar que foram publicados nas duas edições do concurso 31 histórias, mas selecionamos para analisar as 10 que evidenciam elementos regionais, já que as outras não cumprem a um dos objetivos do concurso de apresentar no enredo um elemento da realidade ou folclore do estado de Santa Catarina.

O objetivo principal que norteou a presente pesquisa foi o de estudar as marcas do ser catarina, isto é, os elementos de regionalidade, nos livros infantis da coleção Pró-Criança. Para tanto, organizamos o texto em dois grandes eixos. No primeiro eixo, contextualizamos as narrativas do concurso no cenário da produção literária para crianças brasileiras, inserindo neste contexto a literatura produzida em Santa Catarina, tendo foco as décadas de 1970 e 1980. No segundo eixo, evidenciamos quais elementos do ser catarina são apresentados nas histórias do concurso, e analisamos como se caracteriza a regionalidade nos enredos com a contribuição de estudiosos da área de literatura e geografia.

No primeiro eixo, historicizamos a literatura infantil produzida no Brasil, e neste contexto inserimos a literatura produzida em Santa Catarina, evidenciando as transformações a partir da década de 1920, e principalmente nas décadas de 1970 e 1980. Referendadas nos estudiosos Perrotti (1986); Cademartori (2010); Sachet (2012); Junkes (2012); Goulart (2009), Debus (1996); Lajolo e Zilberman (2007); Novaes (2000) e Silva (2009), discutimos que em 1920, Monteiro Lobato, escritor brasileiro, publicou seu primeiro livro e trouxe outros caminhos para a literatura infantil. Anteriormente a este século, as histórias destinadas às crianças eram escritas para fins didáticos, e importadas de Portugal, a partir de Lobato muitas outras publicações foram realizadas, algo positivo já que anteriormente eram escassas, e outros escritores também surgiram.

Em 1970 foi o grande "boom" da literatura infantil, assim chamado por muitos autores, ou, ainda, uma fase inovadora pós-lobatiana que aconteceu nas décadas de 1960 e 1970, assim chamada por Novaes (2000). Importantes mudanças aconteceram no cenário da literatura infantil no Brasil nessa década, como a mudança do discurso utilitário, evidenciado até então nas narrativas, para o discurso estético, fazendo com que houvessem mudanças nos temas, linguagem e aspectos gráficos dos livros infantis.

Destacamos que outras importantes mudanças também ocorreram no decorrer das décadas, como a criação da Fundação da Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil, em 1979, e a Lei 5.692/71. Cabe considerar, ainda, a criação da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, em 1968, e a criação do Programa Nacional Biblioteca na Escola, na década de 1990.

Dedicamos um subcapítulo do primeiro eixo para refletir sobre a importância da distribuição de livros infantis para instituições de ensino público na história da literatura infantil. Desse modo, ressaltamos o Programa Nacional Biblioteca na Escola por considerar uma política importantíssima de distribuição de livros para a educação pública, em nível nacional. E, também, apontamos que o concurso ao distribuir os livros para as escolas e creches de ensino público municipal, estadual e particular do estado de Santa Catarina realizou uma ação que antecedeu algumas políticas públicas, como a do PNBE.

No segundo eixo, com o objetivo de analisar os títulos, primeiramente apresentamos dois quadros. No primeiro quadro, evidenciamos os títulos em análise, seus autores e ilustradores, e também a edição e ano da publicação. No segundo quadro, evidenciamos, além de algumas informações citadas no primeiro quadro, os elementos regionais destacados em cada narrativa. Realizamos, ainda, as resenhas dos títulos, onde foi possível perceber, como já mencionado, que os principais elementos regionais destacadas foram as praias, os morros, os patrimônios históricos, como a Ponte Velha, o Mercado Público e a Catedral, e também as tradições açorianas ainda presentes na Ilha, como a pesca e a renda de bilro. Cabe considerar que são elementos da capital do estado de Santa Catarina, Florianópolis.

Referendadas nos estudiosos da área de literatura e geografia, Olanda; Almeida (2008) e Lima (2000), refletimos acerca dos elementos geográficos naturais e construídos apresentados nas 10 narrativas aqui analisadas. Cabe considerar que os elementos

evidenciados referem-se à cidade de Florianópolis, assim, além de serem localizadas regionalmente, apresentam diferentes características da capital do estado de Santa Catarina por meio da escrita e das ilustrações. As descrições não são realizadas meramente para que a história seja desenvolvida, mas dão a possibilidade do leitor conhecer as características de uma região, por vezes desconhecida pelo mesmo.

As narrativas destacam elementos regionais por meio da ludicidade, tanto no âmbito da escrita, como no âmbito das ilustrações. A descrição dos espaços e outros elementos da cidade de Florianópolis podem possibilitar o conhecimento geográfico da região. Mas, de forma geral, os livros cumprem seus principais papéis, sendo o de possibilitar a fruição, o prazer no ato de ler, desenvolver a imaginação, entre outros objetivos.

No segundo eixo, trouxemos, ainda, os aspectos físicos dos livros aqui analisados por considerar que são de difícil acesso hoje, portanto muitas pessoas os desconhecem, e também por entender que eles estavam em conformidade em relação à produção literária produzida em nível nacional na época - em todos os âmbitos. Cabe considerar que não há significativas mudanças entre os livros por tratar-se de uma coleção publicada em duas edições por meio de um concurso. De modo geral, os livros do concurso são do mesmo tamanho e formato, possuem título, nome do autor, número do exemplar, o selo do governo do estado de Santa Catarina, o selo da Coleção Pró-Criança e a marca da empresa patrocinadora quando há patrocínio.

No último subcapítulo do segundo eixo, consideramos importante apresentar, ainda, algumas outras reflexões sobre as narrativas em diálogo com a autora Rodrigues (2001). Ressaltamos a partir de uma visão literária, de forma bastante breve, pontos específicos evidenciados pela a autora acerca dos títulos do concurso, como patrocinadores, região dos autores, objetivo do concurso, entre outros.

Enfatizamos que aos estudarmos as marcas do ser catarina nos livros infantis do "Concurso de Histórias para a Infância Catarinense" não consideramos que somente os elementos evidenciados constituem o ser catarina. Os elementos geográficos naturais e construídos apresentados nas narrativas são em relação à cidade de Florianópolis. Mas, ressaltamos a importância de terem sido publicadas também histórias que apresentassem elementos de todas as regiões de Santa Catarina, que também constituem o ser catarina, e não

só da capital do estado. Cabe considerar que mesmo com essas considerações, não podemos deixar de destacar que os títulos aqui analisados contribuíram e contribuem para a literatura infantil produzida em Santa Catarina.

Referências

BRASÍLIA. Ministério da Educação e Secretária da Educação Básica. *Literatura na infância: imagens e palavras*. Brasília, 2008.

DEBUS, Eliane Santana Dias. *Entre vozes e leituras: a recepção da literatura infantil e juvenil* – UFSC, 1996. (Dissertação de Mestrado).

CADEMARTORI, Ligia. *O que é Literatura Infantil*. São Paulo: Brasiliense, 2010.

COELHO, Nelly Novaes. A literatura infantil/juvenil brasileira no século XX. In: *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

Concurso visa estimular autores infantis do Estado. *Jornal O Estado*, Santa Catarina, p. 23, 8 de agosto de 1984.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

JUNKES, Terezinha K. (Org.). *A literatura infanto-juvenil catarinense na perspectiva de Lauro Junkes*. Florianópolis: Copiart, 2012. p. 277 a 288.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira: Histórias e Histórias*. São Paulo: Ática, 2007.

LIMA, Solange Terezinha de. Geografia e literatura: alguns pontos sobre a percepção de paisagem. *Geosul*, Florianópolis, v.15, 0.30, p 7-33, jul./dez. 2000.

LOBATO, José Bento Renato Monteiro. Memórias de Emília. Em: <<http://revistacrescer.globo.com/Revista/Crescer/0,,ERT302821-17926,00.html>> Acesso em: 11 de julho de 2016.

OLANDA, Diva Aparecida Machado; ALMEIDA, Maria Geralda de. A geografia e a literatura: uma reflexão. *Geosul*, Florianópolis, v. 23, n. 46, p 7-32, jul./dez. 2008.

PERROTTI, Edmir. *O Texto Sedutor na Literatura Infantil*. São Paulo: Ícone, 1986.

RODRIGUES, Marilda Merência. *Pró-criança: por entre creches, livros e canções, a busca de consensos (Santa Catarina - década de 1980)* – UFSC, 2001. (Dissertação de Mestrado).

SACHET, Celestino. Magia da Transrealidade. In: SACHET, Celestino. *A literatura dos catarinenses – Espaços e caminhos de uma identidade*. Palhoça: Ed. Unisul, 2012. p. 513-528.

SILVA, Danusia Aparecida. A evolução da literatura infantil e juvenil catarinense. In: GOULART, Yedda de Castro Bräscher (Org.). *Presença da Literatura Infantil e Juvenil em Santa Catarina*. Florianópolis: Editora Insular, 2009. p. 19-25.

Referências**Livros infantis "Concurso de Histórias para a Infância Catarinense"****1ª edição (1985)**

BRANCHER, Ana Lice. *Gugu da Barriga Verde*. Il. Mário César Coelho. Florianópolis: LADESC, 1985.

BRUGGEMANN, Fábio; MENEGHELLO, Danuza. *A lenda do peixe boi*. Il. Zito. Florianópolis: LADESC, 1985.

CALAZANS, Carla. *Kinkim, o pinguim*. Il. Astrid Münch. Florianópolis: LADESC, 1985.

HUSMANN, Irene Rizmann. *Um dia na vida do sol*. Il. Nice. Florianópolis: LADESC, 1985.

MEURER, Sérgio José. *Mino, o passarinho do sino*. Il. Astrid Münch. Florianópolis: LADESC, 1985.

SAAVEDRA, Eduardo. *As traquinagens da tainha Troc*. Il. Nice. Florianópolis: LADESC, 1985.

SILVA, Paulo José da. *Dr. Barbado: o rei da lagoa*. Il. Astrid Münch. Florianópolis: LADESC, 1985.

SOUZA, Sérgio Jeremias. *Benina-bernunça com dor de barriga*. Il. Astrid Munch. Coleção Pró-Criança. Florianópolis/SC: LADESC, 1985

TEIVE, Gladys M. G. *A baleia da praia da Armação*. Il. Astrid Munch. Florianópolis: LADESC, 1985.

2ª edição (1986)

BRUM, Else Sant'Ana. *Miguelito, o pirulito*. Il. Sérgio José Meurer. Florianópolis: LADESC, 1986.

MENEGHELLO, Danuza. *A Terra do passavento*. Il. Nice. Florianópolis: LADESC, 1986.

TEIVE, Gladys M. G. *Doroteia e o vento sul*. Il. Nice. Florianópolis: LADESC, 1986.

ANEXOS**Os 31 títulos publicados no "Concurso de Histórias para a Infância Catarinense"**

TÍTULO	AUTOR(A)	ILUSTRADOR(A)	EDIÇÃO/ANO
A baleia da praia da Armação	Gladys Teive	Astrid Munch	1ª Edição - 1985
A Floresta do Rimatudo	Luiz de Freitas	Astrid Munch	1ª Edição - 1985
A laranja bailarina	Roseli Schutel	Astrid Munch	1ª Edição - 1985
A lenda do peixe-boi	Fábio Bruggemann e Danuza Meneghello	Zito	1ª Edição - 1985
A mais fabulosa confeitaria do mundo	Ana Rita dos Santos Lopes	Astrid Munch	1ª Edição - 1985
A Minhoquinha dançarina	Sinclair da Silva	Nice	1ª Edição - 1985
A palavra mágica	Silvia Brum	Astrid Munch	1ª Edição - 1985
As traquinagens da tainha Troc	Eduardo Saavedra	Nice	1ª Edição - 1985
Benina-bernunça com dor de barriga	Sérgio Jeremias	Astrid Munch	1ª Edição - 1985
Dr. Barbado: o rei da lagoa	Paulo José da Silva	Astrid Munch	1ª Edição - 1985
Gugu da Barriga Verde	Ana Lice Brancher	Mário César Coelho	1ª Edição - 1985
Kinkim, o pinguim	Carla Calazans	Astrid Munch	1ª Edição - 1985
Mino, o passarinho do sino	Sérgio José Meurer	Astrid Munch	1ª Edição - 1985
O amiguinho Círculo	Ana Janete Pedri de Andrade Lopes	Astrid Munch	1ª Edição - 1985
O chapéu e a chapela	Anne Levisky e Silvia	Astrid Munch	1ª Edição - 1985

	Karina Coral		
O pingo de chuva	Paulo Roberto Ataíde Machado	Astrid Munch	1ª Edição - 1985
O Pintalho	Neide Maria de Souza Moreira Areco	Astrid Munch	1ª Edição - 1985
Pituca	Edith Poltronieri	Astrid Munch	1ª Edição - 1985
Um dia na vida do sol	Irene Rizman Husmann	Nice	1ª Edição - 1985
Uma Sociedade Interessante	Vera Maria Silvestre Cruz	Astrid Munch	1ª Edição - 1985
A lenda das cores	Maria Sylvia Carneiro	Astrid Munch	2ª Edição - 1986
A terra do passavento	Danuza Meneghello	Nice	2ª Edição - 1986
Amigos inseparáveis	Ruth de Farias Coral	Sérgio José Meurer	2ª Edição - 1986
Doroteria e o vento sul	Gladys Teive	Nice	2ª Edição - 1986
Miguelito o pirulito	Else Sant'Ana Brum	Sérgio José Meurer	2ª Edição - 1986
Palito cabeça de TV	Sérgio José Meurer	Sérgio José Meurer	2ª Edição - 1986
Presente da Natureza	Júlio César Ramos	Nice	2ª Edição - 1986
Renata cara de batata	Raquel Régis Ávila	Astrid Munch	2ª Edição - 1986
Um planeta diferente	Deise Alberton	Sérgio José Meurer	2ª Edição - 1986
Uma família feliz	Marita Deeke	Nice	2ª Edição - 1986
Vivinha para sempre	Elizabete Verônica Tomé	Astrid Munch	2ª Edição - 1986

Fonte Elaborado pela pesquisadora.